

Editorial

“Quando o servidor está pronto, o serviço aparece.”

André Luiz

CONSOLAR, Esclarecer, Libertar - eis os grandes objetivos do Espiritismo, “O Consolador Prometido” e, como não poderia deixar de ser, do Consolador - Comunidade Espírita Cristã. Pergunta-se: como atingir estas metas? Quais são os nossos instrumentos de trabalho? A resposta é uma só: os trabalhadores. Este, então, é um convite, um chamado de Jesus para todos nós que o temos como nosso modelo: chegou a hora de seguir os passos dAquele que nos disse: “não vim para ser servido, mas para servir.”

Toda e qualquer casa espírita precisa de trabalhadores operosos, de boa vontade, já envolvidos numa boa dose de amor para se doar ao seu próximo. Quantas e quantas frentes de trabalho existem à nossa espera, contando com a nossa ajuda para seguirem em frente, levando a palavra, o abraço amigo, a fraternidade, o bom ânimo a todos aqueles que buscam compreender o porquê de suas dificuldades, problemas, decepções, sofrimentos, enfim! Como gostaríamos de manter nossas portas abertas por mais tempo para que irmãos tivessem acesso à nossa livraria, à nossa biblioteca de empréstimo! Como gostaríamos que mais irmãozinhos doentes do corpo físico recebessem nossas visitas quando hospitalizados! Como gostaríamos de ter mais trabalhadores preparados para dar atendimento fraterno aos nossos irmãos doentes da alma! Como gostaríamos que o nosso bazar tivesse mais colaboradores para permanecer aberto todo o tempo previsto sem sobrecarregar alguns poucos!

Chegou o momento de demonstrar que já nos encontramos na terceira etapa dessa nossa caminhada dentro da doutrina: a primeira foi quando nos aproximamos do espiritismo, isto é, entramos para a casa espírita; a segunda foi quando a doutrina entrou em nós e, finalmente, a mais importante, a terceira quando o espiritismo já sai de nós para envolver o nosso próximo.

Você que nos lê agora, procure sentir se já consegue dar início a esta última fase, juntando-se a nós, procurando informar-se como pode ser um trabalhador de nossa casa! Jesus está à sua espera, contando com você e esperando de você somente uma coisa: Amor, revestido de responsabilidade, disciplina neste compromisso que você assumirá com toda a espiritualidade que o representa em uma das Suas casas aqui na Terra. Que Jesus o ilumine hoje e sempre!

A Diretoria

O Século XXI chegou, e a lei de talião, finalmente se foi!?

Nestes tempos de modernidade onde tudo se renova e se transforma, hábitos, costumes e conceitos do passado encontram cada vez menos espaço para debates. Há mesmo certa aversão generalizada pelas tradições, práticas e ideias antigas. Tudo tem que ser atual, novo, tecnológico, cabeça aberta para as inovações. Falar de passado é out, in é falar do moderno.

esta antiquíssima lei, de quase quatro milênios, continua sendo usada a todo o momento, para surpresa e espanto de muitos

Hoje em dia, de modo geral, não se sabe quem foi este tal de talião. Assim, a primeira informação de interesse para todos nós é que talião, não foi uma pessoa, é uma palavra oriunda do latim talionis que significa tal, parêlo, de tal tipo, por isso não se escreve com letra capital. Também conhecida por pena de talião, sugere desta forma uma pena ao infrator, semelhante, parêlo, tal qual o prejuízo daquele que se sentiu prejudicado.

Relacionava-se às questões do delito e de sua correspondente punição. É vista por muitos como cruel e bárbara, extemporânea, mas existia como um preceito moral com aplicação civil. Embora de caráter divino, podia ser e era empregada pelos homens.

Entretanto, esta antiquíssima lei, de quase quatro milênios, continua sendo usada a todo o momento, para surpresa e espanto de muitos, sempre que necessário, sob certas condições é verdade, e entretanto, agora não deveria mais ser aplicada pelos homens.

Diz a nossa História, que esta máxima já constava de um antigo código de leis, elaborado na Mesopotâmia, no reino da

Babilônia, chamado Código de Hamurabi (século XVIII a.C.). É também o conhecido princípio

do olho por olho, dente por dente de Moisés, um conceito de fato disciplinador. Há uma discussão na História se Moisés teria se inspirado no Código de Hamurabi, ou se propôs esta lei para o povo judeu espontaneamente, talvez inspirado. Essa questão, no momento, é de pouca relevância para a nossa abordagem. O que nos interessa de imediato, é mostrar que esta lei ainda existe, determinar quem tem autoridade para aplicá-la e em que circunstâncias.

A introdução deste princípio nas leis da Humanidade visou estabelecer uma primeira noção de justiça nas relações sociais, visto que, no passado, a cobrança da dívida, seja ela qual fosse, era desmedida, alcançava o devedor de

AINDA NESTA EDIÇÃO

BIOGRAFIA	página 3
CANTO DA POESIA	página 4
O LEITOR PERGUNTA	página 5
LIVRO DO BIMESTRE	página 5

um modo desproporcional ao prejuízo causado, extrapolava o direito de ressarcimento da possível perda. Os fortes se sobrepuñham aos fracos. Então, em tempos bárbaros, a proposta de uma lei que acene com uma visão mais equânime da justiça foi uma dádiva para as sociedades da época, um verdadeiro avanço moral. Tentou equacionar as questões jurídicas, de modo a não incentivar a vingança, impedindo que o castigo fosse maior do que o próprio delito, ou seja, devia-se pagar, mas na mesma moeda.

Tais leis devem existir enquanto o Espírito, ainda tímido em seus avanços morais, não aceita os princípios de outra lei divina: a do Amor

Os tempos escoaram, e chega à Terra o Espírito puro por excelência: Jesus o Cristo. O que faz Jesus em relação a esta lei? Derroga-a? Dita o seu fim? Decreta a sua nulidade como lei de Deus? Não, muito pelo contrário, ratifica o princípio, ao dizer: “Quem com a espada fere com a espada será ferido”, naquele inesquecível momento em que, traído, estava para ser aprisionado, quando Pedro, para defendê-lo, desembainha a espada e, com um golpe certo, fere Malco, o servo do sumo sacerdote que lá estava para dar cumprimento ao fato que já havia sido predito por Ele mesmo (Mateus, 26:52).

É certíssimo que Jesus apresentou uma nova e surpreendente proposta quando disse: “Tendes aprendido que foi dito: olho por olho e dente por dente. Eu vos digo para não resistirdes ao mal que se vos queiram fazer; mas se alguém vos bate na face direita, apresentai-lhe também a esquerda; e se alguém quer demandar convosco para tomar vossa túnica, abandonai-lhe também vossa capa; e se alguém quer vos constranger a fazer mil passos com ele, fazei ainda dois mil” (Mateus, 5:38 a 41).

Propôs deste modo, uma atitude revolucionária para a época, a qual ainda nos desafia, sugerindo que o ofendido abrisse mão de qualquer represália ou vingança, não pagando o mal com o mal, mas apenas com o bem. Realmente, outro avanço moral para aqueles Espíritos pouco acostumados ao perdão. Contudo, com a imagem da espada ferindo aquele que com ela fere, não descartou a existência do olho por olho.

Mais uma vez os tempos correm, e chega o momento de uma nova revelação para a Humanidade: o advento da

Doutrina dos Espíritos. Visitando apenas as páginas das obras básicas encontramos várias citações, entre outras, sobre a existência da Lei de talião: O Livro dos Espíritos, questão 764; O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. VIII, itens 16 e 21; A Gênese, cap. XI, item 34; O Céu e o Inferno, segunda parte, cap. VIII. Exceto O Livro dos Médiuns, todas as outras obras citam diretamente a lei, indicando que ela deve estar viva, presente pelo menos até o século XIX, época em foi consolidada a Doutrina Espírita. Entretanto, como a Doutrina veio para ficar conosco, a lei em princípio também deve permanecer.

Seria surpresa encontrar esta lei consagrada nos textos espíritas? De modo algum, visto que é o próprio Allan Kardec que, em A Gênese, capítulo I, item 56, afirma em mais um momento de extrema lucidez espiritual: “A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor”. Ora, se Jesus não suprimiu a Lei de talião, o Espiritismo também não poderia tê-lo feito.

Fechou-se o ciclo de revelações: Moisés, Jesus e o Espiritismo, e em todas as três o mesmo conceito confirmado, a

mesma proposta de uma justiça mais “justa”.

Poderia ser diferente? Respondemos que não! Leis de Deus, como esta, não são de curta duração. Devem vigor enquanto a homem não aprende e não entende como se portar dentro do organismo social em que vive. Tais leis devem existir enquanto o Espírito, ainda tímido em seus avanços morais, não aceita os princípios de outra lei divina: a do Amor, princípios estes que existem para serem exercitados continuamente, sob pena de, não os cumprindo, ser surpreendido pelo olho por olho. A lei vigora até que nos conscientizemos de que não se pode ferir com a espada impunemente, sem consequências graves para si e para a sua jornada evolutiva.

Conclui-se que a lei existe, mesmo nos dias atuais, e existirá por muito tempo. Contudo, quem teria o direito moral de aplicá-la? Seríamos nós, Espíritos ainda em evolução? Seriam os Espíritos puros que já fazem a vontade do Pai? Não, nem uns nem outros. Quem aplica a Lei de talião é o próprio Deus, através da reencarnação, por exemplo, pois afinal foi Ele que a formulou. Não é lei humana. Mas, em que condições aplicá-la?

Registrada na literatura universal, particularmente no Novo Testamento, há outra lei de Deus que diz: “Sobretudo, amem-se sinceramente uns aos outros, porque o amor perdoa muitíssimos pecados” (I Pedro, 4:8). Fechou-se outro ciclo. Deus permitiu que fosse apresentada no passado a sua Lei de talião, permitiu também que os homens a aplicassem, mas no transcorrer do tempo apresentou outra lei informando que todo aquele que amar, poderá se forrar da aplicação da primeira. Quanta beleza na criação! Advertência e equanimidade na primeira lei, misericórdia e salvação na segunda.

Assim, Pedro, o mesmo que foi advertido de que se ferisse com a espada com a espada seria ferido, registrou em sua epístola este tesouro de ensinamento que foi deixado por Jesus em Lucas (7:47).

E aí estão as condições em que sempre se aplicou a Lei de talião. Toda vez que pecamos, e é oportuno definirmos o pecado na visão espírita como toda e qualquer transgressão às leis de Deus, e não reparamos pelo exercício do Amor os prejuízos causados ao próximo pelos nossos atos inconsequentes, ainda nos satisfazendo em continuar ferindo com a espada, Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, nos faz passar pela espada, não para nos punir, mas para nos educar e inibir futuros delitos. Mostra que todos somos irmãos e que um irmão não deve ofender outro irmão sem que lhe sejam pedidas contas de seus atos. Pela segunda lei, a do Amor, estas contas podem ser plenamente sanadas, sem que precisemos passar pelo fio da espada. Cabe lembrar que muitos de nós, agora mais conscientes, sinceramente arrependidos, solicitamos a pena do olho por olho antes de reencarnar, promovendo desta forma simultaneamente, a quitação rápida da falta e a aceleração do nosso progresso.

Sim, o século XXI chegou com novas esperanças de um mundo melhor e de uma sociedade mais justa. E, se desejamos este mundo novo de Regeneração, lembremos sempre de Pedro e guardemos igualmente em nossos corações a superior proposta de Jesus, que recomenda retribuir o mal com o bem, perdendo e nada mais, deixando que as sábias e educativas Leis de Deus ajam de acordo com o olho por olho onde e quando se fizer necessário e enquanto perdurar a dureza dos nossos corações.

Rogério Miguez

BIOGRAFIA Anália Franco

Anália Emília Franco Bastos nascida em Resende, Estado do Rio de Janeiro em 01 de fevereiro de 1853 e desencarnada em São Paulo, *20 de janeiro de 1919.

Foi professora, jornalista, poetisa, escritora e filantropa brasileira (1). Não atribuía caráter religioso em seus projetos, embora viesse de família religiosa e católica e depois acredita-se que ela teria se tornado espírita. A professora defendia a liberdade e a tolerância, já que recebia crianças e mulheres de todas as crenças em suas instituições.



(1)

Ainda assim, ela era perseguida por considerarem que ela fosse aliada ao espiritismo. Inclusive, jornais católicos da época não poupavam críticas ao seu trabalho, dizendo que era algo “perigoso para o sentimento religioso das crianças”. Por outro lado, espíritas enalteciam seus projetos e ela ficou fortemente conhecida na comunidade por conta de sua caridade e amor ao próximo.

Com 16 anos de idade realizou um concurso público, que foi aprovada para exercer o cargo de professora primária leiga. Trabalhou como assistente de sua própria mãe durante algum tempo, até que se diplomou “normalista”, em S. Paulo, mas preferiu ficar no interior.

Essa decisão deu-se principalmente porque, optou por abraçar uma causa social e compadecer-se de um problema que cresceu por conta da Lei do Ventre Livre, aprovada em 28 de setembro de 1871.

Com essa lei, tornavam-se livres todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquele ano, mas estes ficariam sob o domínio dos senhores de suas mães até os oito anos completos; o que resultava em abusos e descaso por parte dos fazendeiros que não tinham interesse em cuidar dessas crianças por não terem nenhum retorno financeiro com isso ou estariam previamente destinados à “Roda” da Santa Casa de Misericórdia.

Depois dos oito anos muitos já perambulavam, mendicantes, pelas estradas e pelas ruas, as crianças expulsas das fazendas, por serem impróprias para o trabalho. Não eram, como até então “negociáveis” (expressões da época), como seus pais.

Nessa ocasião, trocou seu cargo na Capital de São Paulo por outro no interior, a fim de socorrer as criancinhas necessitadas. Em um bairro de uma cidade do norte do Estado paulista, conseguiu uma casa para instalar uma escola primária. Uma fazendeira rica lhe cedeu a casa escolar com uma condição, que foi totalmente repelida por

Anália: não deveria haver mistura de crianças brancas e negras. Diante dessa condição humilhante foi recusada a gratuidade do uso da casa, passando a pagar um aluguel. A fazendeira guardou ressentimento à altivez da professora; porém, naquele local, Anália inaugurou a sua primeira e original Casa Maternal.

A fazendeira, abusando do prestígio político do marido, vendo que a sua casa, embora alugada, se transformara num albergue de filhos de escravos, resolveu acabar com aquele “escândalo” em sua fazenda. Promoveu diligências junto a um coronel (rico fazendeiro) e este conseguiu facilmente a remoção da professora. Anália foi para a cidade e alugou uma casa velha, pagando de seu bolso o aluguel correspondente à metade do seu ordenado, onde criou outra escola pública e abrigo para crianças e deu início ao seu legado, conseguindo implantar mais dessas instituições pelo Estado com o apoio do grupo de abolicionistas e republicanos, contra o grande grupo de católicos, escravocratas e monarquistas.

Como o restante do seu ordenado era insuficiente para a alimentação das crianças, não hesitou em ir, pessoalmente, pedir esmolas para a meninada. Ela aparecia nas ruas com seus “alunos sem mães”, em bando.

Moça e magra, modesta e altiva, aquela impressionante figura de mulher, que mendigava para filhos de escravas, tornou-se o escândalo do dia.

Sua missão nunca foi se promover na política, sua preocupação maior era com as crianças desamparadas, o que a levou a fundar uma revista própria, intitulada “Álbum das Meninas”, cujo primeiro número veio à público em 30 de abril de 1898. O artigo de fundo tinha o título “Às mães e educadoras”. Seu prestígio no meio do professorado já era grande quando ocorreu a abolição da escravatura e a República.

O advento dessa nova era encontrou Anália com dois grandes colégios gratuitos para meninas e meninos. Na foto a professora Anália Franco (sentada ao centro



(2)

junto às alunas e corpo docente do Liceu Feminino da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, São Paulo 1907 (2).

E logo que as leis o permitiram, ela, apoiada por vinte senhoras colaboradoras e amigas, fundou o instituto educacional que se denominou “Associação Feminina Beneficente e Instrutiva”(A.F.B.I.), no dia 17 de novembro de 1901, com sede no Largo do Arouche, em São Paulo (3).

Criou várias “Escolas Maternais” e “Escolas Elementa-

res”, instalando, com inauguração solene a 25 de janeiro de 1902, o “Liceu Feminino”, que tinha por finalidade instruir e preparar professoras para a direção daquelas escolas, com o curso de dois anos



(3)

para as professoras de “Escolas Maternais” e de três anos para as “Escolas Elementares”.

Acredita-se que teria sido uma espírita fervorosa, revelando sempre inusitado interesse pelas coisas relativas a Doutrina Espírita, segundo relatos da época.

Em 1911 conseguiu, sem qualquer ajuda financeira externa, adquirir a “Chácara Paraíso”, onde fundou a “Colônia Regeneradora D. Romualdo”, aproveitando o casarão, a estrebaria e a antiga senzala, internando ali sob direção feminina, os garotos mais aptos para a Lavoura, a horticultura e outras atividades agropastoris, recolhendo ainda moças órfãs, pobres e sem lar, conseguindo assim ajudar centenas de mulheres.



(4)

O grande trabalho de Anália Franco consistiu em 71 escolas, 2 albergues, 1 colônia de acolhimento para mulheres, 23 asilos para crianças órfãs, 1 banda musical feminina, 1 orquestra, 1 grupo dramático, além de oficinas para costura, bordados (4), chapéus e manufatura de flores artificiais, etc., em 24 cidades do interior e da capital.

Sua desencarnação ocorreu no dia 20 de janeiro de 1919, em São Paulo, aos 66 anos, vitimada pela gripe espanhola, precisamente quando havia tomado a decisão de viajar ao Rio de Janeiro fundar mais uma instituição, ideia essa concretizada posteriormente pelo seu esposo, que ali fundou o “Asilo Anália Franco”.

A obra de Anália Franco foi, incontestavelmente, uma das mais expressivas da História do Espiritismo no Brasil.

(*algumas fontes apontam como 13/01/19)

Referências:

1) Godoy, Paulo Alves; *Grandes Vultos do Espiritismo*; Edições FEESP.

2) Wantuil, Zêus; *Grandes Espíritas do Brasil*: FEB.

3) Wikipédia; *(A enciclopédia livre)*.

Eder Andrade

Canto da Poesia

Ante o próximo

1.

... E quem é o meu próximo? — indaguei
Ao coração da vida
E o coração da vida obedecendo a Lei
Respondeu com voz clara e decidida:
Olha em redor de ti, onde o dever te leve
Do espaço livre e amplo à senda estreita e breve.
Fita em teu próprio lar:
É teu pai, tua mãe, teu irmão, teu parente,
E mais alguém do grupo familiar,
É o vizinho piedoso e intransigente,

2.

É o mendigo a esmolar que te visita a porta,
O amigo suscetível de amparar te
É aquele que padece
Privação ou problema em qualquer parte.
É aquele que te esquece
E o outro que te humilha,
A esconder-se no ouro em que se alteia e brilha
Para depois cair quando se desilude.
É aquele que se faz bandeira da virtude,
E o outro que te apoia ou te faz concessões.

3.

É aquele que te furta o lugar e o direito,
Alimentando a sombra do despeito
Sem que te saiba ver as intenções.
É a mulher que te guia para o bem
E a outra que atravessa as áreas de ninguém
Avinagrandando corações...
O próximo, afinal, seja onde for,
Será sempre a criatura
Que te busca onde estás
Procurando por ti o socorro da paz,

4.

Rogando-te bondade, amparo e compreensão,
Amizade e calor
Dando-te o nobre ensejo,
De seguir para a luz na presença do amor.
E posso sem o próximo viver? — perguntei comovida
E disse novamente o coração da vida:
Acende sem cessar a luz do Bem,
Trabalha, serve, crê, chora, sofre e auxilia...
Sem o próximo em tua companhia
Nunca serás alguém.

Maria Dolores

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na noite de 12/04/1983, em reunião pública do Lar da Caridade, em Uberaba, Minas).

Do livro: Uma Vida de amor e Caridade
Francisco Cândido Xavier
Espíritos Diversos
Ed. Fonte Viva

Essa mensagem foi publicada também em 1987 pela editora CEU e é a 14ª lição do livro “Estradas e Destinos”.

O LEITOR PERGUNTA

No atendimento fraterno da reunião no sábado às 17 horas, um rapaz dos seus 45 anos, frequentador assíduo da nossa Casa Espírita, que vem acompanhando as publicações do jornal do Consolador, nos abordou com a seguinte pergunta:

Por que mesmo sabendo que certos comportamentos pessoais não são adequados, ainda não consigo resistir a tentação e me modificar como gostaria?

Nossa resposta na hora foi a seguinte:

Você está tomando consciência do seu comprometimento para com você mesmo; porém, ninguém consegue de uma hora para outra modificar um hábito arraigado ao longo de várias encarnações. São necessários estudo, conhecimento, perseverança e resiliência para lidar com o homem velho que você ainda traz no seu mundo interior.

Tenha fé, exercite a oração e pratique o bem, afastando-se mentalmente dos arrastamentos ou pensamentos dos quais você ainda é refém.

Expediente

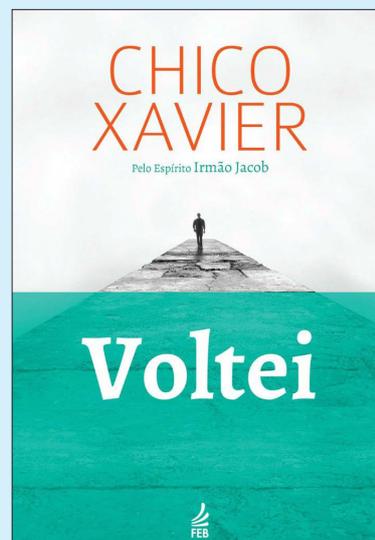
CONSOLADOR
Comunidade Espírita Cristã

Publicação Trimestral do
Consolador - Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana
www.consolador.org

Presidente: José Corni
Vice-Presidentes: Anuska de Carvalho L. Moreira, Eder Andrade
Diretor Doutrinário: Gerson Sestini
Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues
Designer Gráfico: Gilbert Esmério Corni
Cartas para este jornal: Aos cuidados do Consolador Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: jornal@consolador-cec.com.br

LIVRO DO BIMESTRE VOLTEI



“**A**ntes da passagem, tudo me parecia infinitamente simples! [...]

[...] Não se acreditem quitados com a Lei, por terem atendido a pequeninos deveres de solidariedade humana, nem se suponham habilitados ao paraíso, por receberem a manifesta proteção de um amigo espiritual! Ajudem a si mesmos, no desempenho das obrigações evangélicas! Espiritismo não é somente a graça recebida, é também a necessidade de nos espiritualizarmos para as esferas superiores.”

Irmão Jacob

Por meio da psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito Irmão Jacob, como viemos a saber depois, foi Frederico Figner (1866 -1947) que nos narra suas experiências no Além-túmulo e esclarece temas como o desligamento do corpo físico, o intercâmbio mediúnico, o reajuste à nova vida e o reencontro com familiares e amigos. Por meio de histórias e comentários pessoais, o autor espiritual nos apresenta suas descobertas sobre a rotina que nos espera após a morte e alerta-nos quanto à necessidade de auto-aprimoramento, para que possamos ter uma temporada feliz no retorno ao mundo espiritual.

Livro: Voltei

Autor: Irmão Jacob

Psicografia: Chico Xavier

Editora: FEB; 28ª edição